

# **O MODERNISMO DO GRUPO FESTA E A DEFESA DE UMA BRASILIDADE UNIVERSALISTA, 1919-1929**

**THE MODERNISM OF THE FESTA GROUP AND THE  
DEFENSE OF A UNIVERSALIST BRAZILIANISM, 1919-1929**

**Luciana Lilian Miranda**  
*In memoriam*

No último dia 03 de julho, perdemos a professora e pesquisadora Luciana Lilian Miranda. A ela, a comissão editorial de T&F presta esta homenagem, tendo em vista que o presente texto já havia sido submetido e aprovado à comissão editorial deste periódico.

Luciana Lilian foi professora tutora em EAD na Universidade Brasil e docente na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Realizou estágio Pós-Doutoral PNPd/Capes no Programa de Pós-Graduação em História da UFG (2016-2018). Nesse período, além da pesquisa desenvolvida acerca do pensamento e produções literárias do grupo da Revista Festa (1919-1929), ministrou disciplinas, seminários e cursos na Graduação e Pós-Graduação em História. Fez doutorado em História Contemporânea pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa (2014), título revalidado pela UNICAMP (Maio de 2015). Mestrado em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU, 2003) e Bacharel e Licenciatura em História pela mesma instituição (2000). Foi professora substituta do Instituto de História da UFU nos anos de 2005-2006, onde ministrou a disciplina História Econômica Geral nos Cursos de Graduação em Ciências Econômicas e Ciências Contábeis. Foi docente do Curso de Licenciatura em História da UNIMEP, no período de Agosto de 2014 a Junho de 2015. Nessa instituição lecionou História Medieval, História Antiga e História do Brasil para os discentes da Graduação em História, Filosofia e Relações Internacionais.

“Esta noite lerás os poemas de todos os poetas que já viveram. Tua voz será dócil e bela, oscilando a todos os ritmos como um ramo carregado de flores. E a noite se transformará quando fores falando, povoando-se de astros maiores, transbordantes de eternidade.”

Cecília Meireles

**Resumo:** O artigo busca recuperar a atuação do grupo de intelectuais reunidos em torno da revista Festa, também conhecido como a corrente espiritualista do modernismo brasileiro. Formado em torno de Tasso da Silveira e Andrade Muricy, no Rio de Janeiro, o grupo espiritualista fundou o mensário editado em duas fases (1927-1929; 1934-1935), entre outras publicações. Esses intelectuais defendiam a proposta de um modernismo continuador, em diálogo com a tradição, contrário à ideia de ruptura.

**Palavras-chave:** Intelectuais; Revista; Modernismo.

**Abstract:** The article seeks to recover the performance of the group of intellectuals gathered around the magazine Festa, also known as the spiritualist current of Brazilian modernism. Formed around Tasso da Silveira and Andrade Muricy, in Rio de Janeiro, the spiritualist group founded the monthly edited in two phases (1927-1929, 1934-1935), among other publications. These intellectuals defended the proposal of a continuing modernism, in dialogue with tradition, contrary to the idea of rupture.

**Keywords:** Intellectuals; Magazine; Modernism.

### Considerações Iniciais

Pretendemos apresentar algumas considerações acerca da nossa pesquisa de Pós-Doutorado, cuja temática centrou-se no grupo de escritores e intelectuais reunidos em torno da revista Festa, também conhecido como a corrente espiritualista do modernismo brasileiro. Nesse sentido, ao recuperar o pensamento e produções desse grupo, buscamos problematizar a atuação dos mesmos enquanto intelectuais mediadores culturais<sup>1</sup> e as suas redes de sociabilidade no Rio de Janeiro, nas duas primeiras décadas do século XX.

A categoria de intelectual mediador permite ampliar a noção de redes de atuação desses sujeitos, pois os mesmos assumem o papel de intermediadores, ao circularem entre os produtores da cultura e o público. Tais intelectuais promovem a passagem (*passseurs*) entre a cultura popular e a erudita, frequentemente analisadas

---

1 Cf., GOMES, Ângela de Castro e HANSEN, Patricia Santos. Apresentação. In: GOMES, Ângela de Castro e HANSEN, Patricia Santos (org.). Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, pp. 7-37.

como separadas, estabelecendo um elo fundamental na disseminação da novidade cultural<sup>2</sup>. Algumas ocupações são emblemáticas nesse tipo de mediação, permitindo a aproximação entre os diferentes públicos e os bens culturais, tais como: tradutores, educadores e críticos de música, literatura, cinema, televisão, teatro e artes plásticas.

Divergindo da tendência vanguardista de São Paulo, havia um segmento que se identificava com valores mais tradicionais. Herdeiros da visão paradigmática difundida nos *Sertões* de Euclides da Cunha, de valorização da terra, da natureza e das gentes do sertão, essa elite intelectual defendia os valores da ruralidade.

Esse segmento foi representado por escritores da reação católica como o escritor sergipano Jackson de Figueiredo (1891-1928) e Tristão de Ataíde (1893-1983), os Verde-Amarelos Plínio Salgado (1895-1975) e Cassiano Ricardo (1895-1974), ou ainda Monteiro Lobato (1882-1948) e Oliveira Vianna (1883-1951), a identidade nacional deveria ser buscada nos sertões, nos sertanejos, livres dos francesismos do litoral urbano. Defendiam um retorno à natureza e a valorização da atividade agrária em detrimento da expansão industrialista.

A corrente espiritualista, objeto da nossa investigação, encontrava-se vinculada a essa matriz mais tradicionalista. Enquanto os autores da vertente primitivista<sup>3</sup> buscavam explicar o Brasil a partir das suas origens, aspirando construir a identidade nacional de seu povo; os espiritualistas almejavam compreender a modernidade e indagar sobre o destino do homem, sem romper completamente com o passado.

Andrade Muricy (1895-1984) e Tasso da Silveira (1895-1968), estavam debatendo sobre temas das artes e da literatura com outros escritores no Café Gaúcho, no Rio de Janeiro, em 1925. Muricy havia retornado da Europa com o seu livro *A festa inquieta*. No calor das discussões da roda literária, Tasso da Silveira teve então a ideia de fundar uma nova revista, “um mensário de pensamento e de arte. O nome? – perguntou Muricy – Festa, como o seu livro – respondera Tasso<sup>4</sup>”.

Formado em torno de Silveira e Muricy, no Rio de Janeiro, o grupo espiritualista fundou o mensário editado em duas fases (1927-1929; 1934-1935), dentre outras publicações. Compuseram ainda o projeto: Adelino Magalhães, Barreto Filho, Brasília Itiberê, Henrique Abílio, Lacerda Pinto, Abgar Renault, Wellington Brandão, Cardillo Filho, Porfírio Soares Neto e Murilo Araújo. Colaboraram com frequência e proximidade Cecília Meireles e Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde). Devemos ainda citar os nomes de Carlos Drummond de Andrade, Francisco Karan, Carlos Chiacchio, Gilka Machado, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Plínio

---

2 GOMES, Ângela de Castro e HANSEN, Patricia Santos. Idem, p. 28-29.

3 Caracterizou-se pela busca dos motivos primitivos da terra e da gente brasileira. Constituída em São Paulo por vários artistas, escritores e demais intelectuais, encontrou em Oswald de Andrade uma das suas mais importantes expressões. Era antropofágica em termos culturais e simbólicos. Cf., LIMA, Bruna Della Torre de Carvalho. Eles devoraram tudo: primitivismo, barbárie e as vanguardas. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, v. 1, n. 64, 296-309, ago. 2016. 2016.

4 Cf., RUCKER, Joseane de Mello. A revista Festa e a modernidade universalista na arte – estudo de caso: Adelino Magalhães. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2005, p. 12.

Salgado e Mário de Andrade como colaboradores eventuais.

Devemos destacar que antes de Festa, Tasso da Silveira e outros escritores do mesmo grupo participaram de três outras publicações, de perfil literário, ainda que de menor expressão. Trata-se das revistas: *América Latina: Revista de Arte e Pensamento* (1919-1920), *Árvore Nova: Revista do Movimento Cultural do Brasil* (1922-1923) e *Terra de Sol: Revista de Arte e Pensamento* (1924). Sendo assim, o nosso recorte temporal inicia-se no ano de fundação da primeira revista do grupo; *America Latina* (1919) e estende-se até o final da primeira fase da revista Festa (1929).

Esses periódicos foram também editados por Silveira e apresentavam forte tendência latinoamericanista e nacionalista, com destaque para presença do espiritualismo, com forte influência do catolicismo, referenciado nas figuras de Farias Brito (1862-1917) e Jackson de Figueiredo (1891-1928), além de Alberto Torres (1865-1917).

Segundo Tristão de Ataíde em texto de 1927, citado por Caccese<sup>5</sup>, nessa época existiria na moderna arte brasileira apenas duas tendências originais: a de Graça Aranha, criador do *Objetivismo Dinâmico*<sup>6</sup> e a do grupo paulista, denominada *Primitivismo*. Faltaria, portanto, a terceira corrente inspirada por uma mística criadora.

De acordo com os fundadores de Festa, a sua produção representaria essa terceira posição diante da arte, mais totalizadora, pois integrava duas realidades que se completavam; a do homem e a de Deus. Os espiritualistas reivindicavam para si, portanto para o Rio, a prioridade e o papel principal na renovação da arte brasileira, em oposição ao que estava sendo feito em São Paulo. Em contraste com as correntes vanguardistas da época, os escritores dessa vertente deixaram o seu legado pelas reflexões e poesia imbuídas de elementos espirituais ancorados nos valores do catolicismo.

Assumiram, segundo algumas vertentes historiográficas, uma postura reacionária ao combater o excesso de localismo, nativismo e coloquialismo evidenciados pelo grupo modernista paulista. Importante ainda, situar esse grupo de intelectuais num campo político maior vinculado a um período de crítica ao liberalismo e ao crescimento do autoritarismo católico ou não-católico no Brasil.

Concordamos com a análise de Viktor<sup>7</sup>, no que se refere às linhas interpretativas presentes na literatura acadêmica acerca do modernismo de Festa. A partir de um prisma mais historiográfico e sociológico, os estudos acerca dessa corrente constituem-se em duas linhas interpretativas: de um lado, produções elaboradas no

---

5 Apud CACCSE, Neusa Pinsard. Festa: Contribuição para o estudo do Modernismo. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1971, p. 22.

6 Na concepção do Objetivismo Dinâmico "a arte exprime o movimento das coisas, que agem pelas suas próprias forças independentes do eu". ARANHA, Graça. O Espírito Moderno. In: Espírito Moderno. São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925, p. 25.

7 VIKTOR, Tiago Alexandre. Trajetória de constituição e fundamentos do modernismo do grupo de Festa. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2016, p. 23.

Rio de Janeiro, que abarcam o campo cultural, suas redes de sociabilidade e ambiência intelectual presentes nos trabalhos de Mônica Pimenta Velloso (2010) e Ângela de Castro Gomes (1999). De outro, os escritores paulistas, voltados à reflexões de natureza mais estrutural, com ênfase na crise da República Velha e seus conflitos de classe, tais como: Alfredo Bosi<sup>8</sup>, Sergio Miceli<sup>9</sup> e Antonio Arnoni Prado<sup>10</sup>.

As diferentes linhas interpretativas postulam considerações distintas. Gomes, por exemplo, vincula o aspecto espiritualista de Festa às relações estabelecidas por esses escritores em uma rede de sociabilidade intelectual influenciada pelo simbolismo e pela renovação católica vigente na capital federal nesta época. Bosi, entretanto, destaca características antimodernistas e reacionárias no encaminhamento da revista, considerando-a uma fonte divulgadora do movimento católico no campo literário, aproximando-se assim da visão de Miceli. Já Arnoni Prado, identifica o grupo de Festa como uma “falsa vanguarda” dentro do movimento modernista. Segundo esta interpretação, sob o pretexto de uma renovação, os espiritualistas expressariam os interesses dos setores oligárquicos em decadência neste período<sup>11</sup>.

Há um grande debate que permeia essas interpretações, o qual remete ao questionamento sobre como devemos situar o modernismo brasileiro. Seria um movimento originado em São Paulo com base na ação de vanguardas artísticas, as quais mobilizaram a produção cultural do país com vistas ao moderno, sendo posteriormente canonizadas pela memória constituída sobre o movimento. Ou, em outra perspectiva, seria o modernismo um conjunto de transformações no campo cultural inserido no próprio processo de modernização ocorrido nas primeiras décadas do século XX, em vários setores da sociedade brasileira, inclusive na literatura e nas artes plásticas. Nessa chave de leitura, representaria um desdobramento da modernidade industrial, que adquiria em cada localidade um perfil moldado pela sua própria realidade<sup>12</sup>.

Por hora, devemos sublinhar que nos referenciamos nas interpretações de Gomes e Velloso e buscaremos recuperar os fundamentos do modernismo dos integrantes de Festa em sua manifestação coletiva. A discussão a ser desenvolvida, situa-se no entrecruzamento da história política e cultural, que é também social, dentro da vertente teórico-metodológica designada de história dos intelectuais<sup>13</sup>:

---

8 BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1987.

9 MICELI, Sergio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

10 PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: Os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010.

11 VIKTOR, Tiago Alexandre. *Trajetória de constituição e fundamentos do modernismo do grupo de Festa*. Op. cit., p. 23-24.

12 VIKTOR, Tiago Alexandre. *Idem*, p. 24.

13 Cf., SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, 231-269.

De maneira mais operacional, o que se procura é mapear as idéias, os valores e os comportamentos que alicerçam a formação de grupos intelectuais, objetivando compreender melhor as genealogias que então são inventadas, os formatos organizacionais que são eleitos e as características estéticas e políticas dos projetos formulados<sup>14</sup>.

A seguir, trataremos de apresentar os posicionamentos do grupo acerca dos conceitos de modernidade e nacionalismo em diálogo com a corrente vanguardista paulista.

### **Modernidade e nacionalismo: brasilidades em discussão**

Nos anos 1920, as discussões em torno dos conceitos de modernidade e nacionalismo estiveram presentes no campo das manifestações artísticas. Nesse embates entre a diferentes correntes modernistas, procuraremos situar o posicionamento dos escritores de Festa.

É importante ressaltar que o mensário não deu origem a um grupo no sentido rigoroso do termo, com um programa elaborado e assinado coletivamente. Pode-se dizer que constitui-se como uma aproximação entre intelectuais com afinidades ideológicas, os quais partilhavam de uma mesma rede de sociabilidades com referências comuns<sup>15</sup>:

Antes de adentrarmos no debate sobre modernidade e nacionalismo, consideramos importante situarmos os conceitos de moderno, modernidade e modernismo, fundamentais para a nossa reflexão.

Segundo Velloso, é necessário compreendê-los no contexto histórico de origem rastreando-se a polissemia que os une. O moderno é transitório é aquilo que existe no presente. Nesse sentido, o moderno do ano passado não é o moderno deste ano. Na sua constituição, o moderno necessita do antigo para ter sentido e apresentar-se como tal. Ao longo dos séculos XVI até o XVIII, o antigo apresentava-se como o modelo exemplar. Lembremos que durante o Renascimento, a tradição clássica (Greco-Romana) era considerada o paradigma eleito<sup>16</sup>.

A vitória da visão de mundo do moderno não implicou na derrota dos antigos. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a eclosão dos episódios revolucionários acompanhados pela ascensão das ideias de progresso, evolução, liberdade, democracia, ciência e técnica ganharam força enfatizando o espírito crítico que era traço referencial da modernidade. Ao longo desse período, conclamava-se a

---

14 GOMES, Ângela de Castro. Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: O caso de Festa. *Luso-Brazilian Review*, Baltimore, v. 41, n. 1, 80-106, set. 2004, p. 81.

15 VIKTOR, Tiago Alexandre. Trajetória de constituição e fundamentos do modernismo do grupo de Festa. *Op. cit.*, p. 28-29.

16 VELLOSO, Mônica Pimenta. *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 11-13.

consciência do presente e o experimento do novo<sup>17</sup>.

Nos setecentos instaurou-se o período identificado com a modernidade, compreendido como um novo tempo. Deu-se então a desagregação das sociedades tradicionais diante do processo de formação da sociedade industrial:

Fundamentado na razão científico-pragmática, tal sistema reforçava a racionalização dos comportamentos e o individualismo, incentivando, em escala sem precedentes, o processo de urbanização e da divisão do trabalho<sup>18</sup>.

Baudelaire, como arauto da modernidade, dialogou com um corpo de tradições intelectuais que o antecederam. Nessa perspectiva, a definição de moderno começava a ser pensada como continuidade e não mais como oposição ao passado:

Os termos Modernidade e Modernismo, apesar de inseparáveis, constituem dois aspectos distintos do mundo moderno. Em síntese, podemos dizer, de acordo com Jacques Le Goff (1984), que o conceito de modernidade constitui uma reação ambígua da cultura à agressão do mundo industrial. Quanto ao termo modernismo abriga múltiplos sentidos, alguns deles contraditórios. Quando nos reportamos a ele o associamos de imediato aos movimentos artísticos que percorreram todo o século XX<sup>19</sup>.

A geração da virada do XIX assistiu à decadência das concepções de civilização e de razão com a irrupção da I Guerra Mundial. Nesse contexto, o modernismo (1870 até inícios da II Guerra), produziu expressões artísticas que visavam compreender a desordem social gerada pela transformação dos padrões civilizatórios.

Devemos deixar clara a nossa concepção de modernismo, enquanto um movimento fluido de ideias constituídas por meio das redes de sociabilidades literárias em diferentes cidades brasileiras, a qual vai ao encontro da definição proposta por Gomes:

O modernismo, por sua vez, está sendo entendido como um amplo movimento de ideias renovadoras que estabeleceu conexões entre a arte e a política, sendo caracterizado por uma grande heterogeneidade. Assim, não se deseja concentrá-lo em seu marco simbólico - a Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrida em São Paulo - nem tratá-lo de forma unívoca e bem delimitada. Do ponto de vista deste estudo, o modernismo pode ser visto como um movimento de ideias que circula

---

17 VELLOSO, Mônica Pimenta. Idem, p. 14-15.

18 VELLOSO, Mônica Pimenta. *História & Modernismo*. Op. cit., p. 15.

19 Apud VELLOSO, Mônica Pimenta. Idem, p. 18.

pelos principais núcleos urbanos do país, antes mesmo dos anos 1920, assumindo características cada vez mais diferenciadas com o passar da década de 1930<sup>20</sup>.

No cenário brasileiro dos anos de 1920, a modernidade esteve associada à visão de que o “atraso” do país seria ultrapassado pelos esforços e talento de setores das classes dominantes e da intelectualidade<sup>21</sup>. Os artistas e escritores envolvidos na Semana de Arte Moderna de 1922, ao revelar os nossos traços particulares de maneira ufanista, acreditavam que poderiam se diferenciar do universal e assim alcançar o reconhecimento no âmbito europeu. O grupo de Festa não compartilhava dessa ideia salvacionista em relação aos traços do subdesenvolvimento nacional do período<sup>22</sup>.

Nesse contexto, os diferentes grupos modernistas discutiam a questão da brasilidade, aquilo que seria ou não tipicamente nacional. Aos olhos dos escritores espiritualistas, o primitivismo expressava uma leitura reducionista do nacionalismo ao buscar incorporar a brasilidade por meio de aspectos pitorescos, realçando o exótico<sup>23</sup>.

Entretanto, para os adeptos de Blaise Cendrars<sup>24</sup>, ou seja os modernistas paulistas, reunidos em torno dos Andrades, o primitivismo marcava a distinção. Portanto, produzir uma literatura baseada na ambiência geográfica, histórica e social do Brasil era demarcar os elementos da brasilidade, conforme expressou Oswald de Andrade no movimento Pau-Brasil. Diante desse quadro, os integrantes de Festa consideravam que o grupo paulista teria assimilado acriticamente as vanguardas europeias<sup>25</sup>.

No seu ensaio *Oswald canibal*, Nunes destaca que para o escritor modernista: “era o primitivismo que nos capacitaria a encontrar nas descobertas e formulações artísticas do estrangeiro aquele misto de ingenuidade e pureza, de rebeldia instintiva e de elaboração mítica que formavam o depósito psicológico e ético da cultura brasileira<sup>26</sup>”.

Em 1927, no texto de abertura do número dois da revista Festa, intitulado A alma brasileira ou a fallencia do pinturesco, Muricy<sup>27</sup> tece considerações sobre o

---

20 GOMES, Ângela de Castro. Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: O caso de Festa. Op. cit., p. 82.

21 GULLAR, Ferreira. Vanguarda e subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 47.

22 RUCKER, Joseane de Mello. A revista Festa e a modernidade universalista na arte - estudo de caso: Adelino Magalhães. Op. cit., p. 21-22.

23 RUCKER, Joseane de Mello. Idem, p. 23.

24 Blaise Cendrars, pseudônimo de Frédéric Louis Sauser (La Chaux-de-Fonds, cantão de Neuchâtel, Suíça, 1 de setembro de 1887 - Paris, 21 de janeiro de 1961) foi um novelista e poeta suíço, que escreveu em língua francesa. Esteve em muitos países, o que se reflete em sua poesia. Visitou o Brasil na década de 1920, influenciando diversos artistas e escritores do modernismo brasileiro, assim como, referenciou-se na poesia de Oswald de Andrade. Segundo Alem, “[...]Sobre o encontro entre o poeta do Transsibérien e os modernistas não se pode negligenciar o fato de que eles foram amigos, porque esta amizade foi certamente muito enaltecida por ambas as partes [...]”. In: ALEM, Branca Puntel Motta. As Amizades Brasileiras de Blaise Cendrars: uma análise de Feuilles de Route. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2011, p. 16).

25 Cf., RUCKER, Joseane de Mello. Ibidem, p. 23-24.

26 NUNES, Benedito. Introdução à filosofia da arte. São Paulo: Ática, 1991, p. 25-26.

27 José Cândido de Andrade Muricy (Curitiba, 4 de fevereiro de 1895 - Rio de Janeiro, 9 de junho de 1984) foi crítico musical e literato de notório reconhecimento. Estudou piano por muitos anos com renomados pianistas (Marieta Brandão, Leo Kessler, Luciano Gallet e Tomás Terán, dentre outros) em



tema:

Quando estrangeiros como Blaise Cendrars e Edouard Keiser procuram no Brasil um “pitoresco” inédito que lhes remóce a arte aventureira, qual poderá ser esse pitoresco, assim desligado da alma brasileira [...] O pitoresco é prestígio efêmero, em função adjectiva [...] A fallencia do pitoresco forçará o artista a expressar sua vida interior, e, directamente, os choques de flagrante humanidade<sup>28</sup>.

Embora nacionalista e adepta da busca pela brasilidade enquanto formadora de uma concepção modernista de arte, no mensário o retorno às raízes nacionais assumia outros significados. Segundo Viktor, o foco principal era na continuidade de uma tradição já vigente no campo das letras no país e não necessariamente em temas folclóricos e populares:

Assim, o sentido de “popular” tinha um carácter diverso daquele proposto pelos grupos paulistas, significando a busca por um “sentimento íntimo” de povo, fonte da tradição do espírito nacional - em detrimento de um olhar mais focado nos usos e costumes das camadas populares, por exemplo, o que os de Festa associavam a um “localismo” baseado no gosto pelo “pitoresco” e pelo “exótico”<sup>29</sup>.

Observemos o relato de Mário de Andrade e as suas impressões acerca das ideias e sentimentos presentes na Semana de Arte Moderna:

A Semana marca uma data, isso é inegável. Mas o certo é que a pré-consciência primeiro, e em seguida a convicção de uma arte nova, de um espírito novo, desde pelo menos seis anos viera se definindo no sentimento de um grupinho de intelectuais paulistas. De primeiro foi um fenómeno estritamente sentimental, uma instituição divinatória, um estado de poesia. Com efeito: educados na plástica ‘histórica’, sabendo quando muito da existência dos impressionistas principais, ignorando Cézanne, o que nos levou a aderir incondicionalmente à exposição de Anita Malfatti, que em plena guerra vinha nos mostrar quadros expressionistas e cubistas? Parece absurdo, mas aqueles quadros foram a revelação. E ilhados na enchente de escândalo que tomara a cidade, nós, três ou quatro, delirávamos de êxtase diante de quadros que se chamavam o “Homem amarelo”, a “Estudante russa”, “A mulher de cabelos verdes”. E a esse mesmo “Homem amarelo” de

---

Curitiba e no Rio. Transferiu-se para a então capital federal em 1916. Formou-se em Direito em 1919 e viveu na Suíça no período de 1923 a 1925. Foi presidente da Academia Brasileira de Música e membro do Conselho Federal de Cultura e um dos fundadores da Revista Festa: mensário de pensamento e arte, em 1927. Crítico musical do Jornal do Comércio a partir de 1937. Em 1973, recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras. Publicou várias obras, tais como: A festa inquieta (1926), A obra póstuma de Emiliano (1930), A Nova literatura brasileira: crítica e antologia (1936), Caminho da Música (1946), Contribuição do Brasil à música universal (1953).

28 MURICY, Andrade. A alma brasileira ou a fallencia do pitoresco, 1 de novembro de 1927, p. 1. In: Festa, edição fac-similada. Rio de Janeiro: Inelivro, 1978. Optamos por manter a grafia da época nas citações e títulos dos periódicos.

29 VIKTOR, Tiago Alexandre. Trajetória de constituição e fundamentos do modernismo do grupo de Festa. Op. cit., p. 34.

formas tão inéditas, então, eu dedicava um soneto de forma parnasianíssima<sup>30</sup>.

O tom de blague, característico dos vanguardistas, aparece na ironia ao parnasianismo e, ao mesmo tempo, observamos o fato de Mário de Andrade demarcar o nascimento do chamado “espírito novo” dentre um grupo de intelectuais paulistas. A relação entre passado e presente era tensa para todas as correntes modernistas. Todas negavam o parnasianismo, mas dialogavam com outras tendências.

Os espiritualistas aproximavam-se dos simbolistas. Cruz e Sousa, por exemplo, fora louvado pela revista *Festa*. A influência da estética simbolista nas concepções modernistas do grupo deu-se pela ênfase conferida à subjetividade do artista em sua condição de revelador de verdades superiores à razão comum, transmitidas pela sua sensibilidade. No simbolismo, essa característica do artista expressava uma reação à hegemonia do pensamento cientificista presente no final do século XIX<sup>31</sup>.

Devemos ainda destacar, que os integrantes de *Festa* desejavam um nacionalismo menos pitoresco; enquanto os paulistas de 22, almejavam uma ruptura mais efetiva com a tradição, enfatizando as características locais. Na leitura do grupo de *Festa* não se colocava, portanto, uma ruptura com o passado, mas a construção de uma inovação em diálogo com a tradição, “como um caminho para uma literatura que ultrapassasse o regional e atingisse o universal, opondo-se à excessiva cor local<sup>32</sup>”.

A partir disso podemos depreender que os integrantes da corrente espiritualista buscavam deslocar a linha temporal do movimento modernista no país, defendendo a precedência de uma tradição artística de característica nacional anterior ao marco fundador da *Semana de 22* e do papel precursor dos intelectuais paulistas.

Gomes nos apresenta um quadro das temáticas mais recorrentes na revista *Festa*, o qual nos permite compreender melhor o ideário do grupo. Os temas mais mencionados no periódico foram: Espiritualismo/catolicismo, Modernismo, Música, Nacionalismo, Universalismo/totalismo, Linguagem e ritmo, Rio de Janeiro/São Paulo, Comunismo, Simbolismo e Liberalismo. As discussões acerca do espiritualismo e do catolicismo foram as que alcançaram maior destaque<sup>33</sup>.

A busca do contato com o tempo interior e a crença no lado divino do homem, em contraposição ao materialismo e à mecanização produzida pelos avanços tecnológicos da época, foram defendidos em ensaios pelos editores da revista:

---

30 ANDRADE, Mário. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins Editora, 1974, p. 232.

31 VIKTOR, Tiago Alexandre. *Idem*, p. 176.

32 RUCKER, Joseane de Mello. *A revista Festa e a modernidade universalista na arte - estudo de caso: Adelino Magalhães*. Op. cit., p. 27.

33 GOMES, Ângela de Castro. *Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: O caso de Festa*. Op. cit., p. 97.

Festa exaltou uma visão de arte ligada ao Espírito, edificando uma estética que interpretou o mundo pós-guerra como aquele que havia fracassado, que não merecia mais crédito, pois era voltada ao materialismo<sup>34</sup>.

A revista apresenta importantes referências de tendência espiritualista, as quais fundamentaram o seu programa. Trata-se das obras de Farias Brito<sup>35</sup> e Jackson de Figueiredo<sup>36</sup>. O pensamento de Brito constituiu-se como uma reação espiritualista e pluralista ao positivismo e ao monismo evolucionista da Escola de Recife, no interior da primeira geração parnasiana. Figueiredo cultivou a reação espiritualista no campo da filosofia, adotando a via doutrinária do catolicismo, no contexto da crise estrutural e das disputas sociais da Primeira República. Como sucessor dos mesmos, devemos situar Tasso da Silveira, membro da geração dos construtores do modernismo, um dos principais articuladores da corrente espiritualista<sup>37</sup>.

As discussões em torno dos conceitos de particular/universal, tradição/modernidade também constituíram outro ponto de divergência entre as correntes modernistas. Festa apresentava um nacionalismo universalista, contrapondo-se aos paulistas. Nessa perspectiva, a arte deveria explicar as suas nacionalidades não em face de si mesmas, mas em conexão com o universo. Os integrantes do mensário, assim como os paulistas, interrogavam-se sobre o caráter nacional da arte, mas os questionamentos embasavam-se em ideias universalistas.

O número inaugural de Festa (1 de agosto de 1927) apresentou um ensaio de Tasso da Silveira intitulado; A modernidade universalista da arte, em que o autor fundador do periódico tece considerações acerca das concepções de arte e artista dentro de uma perspectiva nacional universalista:

Um artista é tanto maior quanto mais largo é o horizonte que as suas múltiplas modalidades, é escutar-lhe as vozes profundas e fixa-las transfiguradas pela sua equação pessoal, na expressão tangível e humana que lhe torna possível a existência objectiva [...] Ser

---

34 RUCKER, Joseane de Mello. *Idem*, p. 113.

35 Raimundo de Farias Brito (São Benedito, Ceará, 24 de julho de 1862 - Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1917) foi considerado um dos maiores nomes do pensamento filosófico do país, voltado à metafísica tradicional, de caráter espiritualista. Formou-se em Direito em Recife, em 1884. Depois disso retornou ao seu estado natal, onde atuou como promotor e também na administração pública, como secretário do governo estadual por duas vezes. Em 1909, venceu o concurso para o provimento da cadeira de Lógica do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro e ocupou a vaga no mesmo ano. Dentre suas obras, destacam-se: *A Finalidade do Mundo* - dividida em três partes (1895; 1899; 1905), *A verdade como regra das ações* (1905), *A base física do espírito* (1912) e *O mundo interior* (1914). Cf., BRITO, Raimundo de Farias; NUNES, Benedito. *Farias Brito: trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: AGIR, 1967, p. 4.

36 Jackson de Figueiredo Martins (Aracaju, 9 de outubro de 1891 - Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1928) atuou como professor, jornalista, crítico, ensaísta, filósofo e político. Após sua conversão ao catolicismo, em 1918, organizou o movimento católico leigo no Brasil. Constituiu amizades com figuras como Nestor Victor, Alceu Amoroso Lima e Tasso da Silveira. Em 1918, tornou-se proprietário da Livraria Católica. Em 1919, integrou-se à vida sacramental da Igreja, tomando-se, em suas palavras, "um humilde soldado do catolicismo". Entre 1921 e 1922, fundou o Centro Dom Vital, sob a linha ultramontanista, e a revista *A Ordem*, para divulgar a doutrina católica. Combateu o liberalismo e o comunismo. Colaborador em vários jornais e revistas, como a *Gazeta de Notícias* e *O Jornal*, produziu, entre outras obras: *O crepúsculo interior* (1918), *Afirmções* (1921), *A reação do bom senso* (1922) e *A coluna de fogo* (1925), *Do nacionalismo na hora presente* (1925), *Pascal e a Inquietação Moderna* (1922), sendo um dos mais prestigiados. Cf., Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro (CDPB), 1999. Cf., CDPB (Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro). Jackson de Figueiredo (1891/1928): *Bibliografia e Estudos Críticos*. Salvador: EGBA, 1999. Disponível em: <[http://www.cdpb.org.br/jackson\\_figueiredo.pdf](http://www.cdpb.org.br/jackson_figueiredo.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2017.

37 MACHADO NETO, Antônio Luiz. *Estrutura social da República das Letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira, 1870-1930)*. São Paulo: Editora da USP, 1973, p. 35-42.

nacionalista em arte equivale a encontrar a conexão sutil e o significado verdadeiro de uma modalidade nacional em face do globo, tomado como a *somma dynamica* de todos os povos na terra. Deve ser o seu único legítimo orgulho a realização de uma obra que tenha um fim mais alto que o de afirmar uma existência particular, que não reflita na sua manifestação artística uma origem lidima e ponderável e a ânsia colectiva dessa origem dentro de um dado momento<sup>38</sup>.

Os autores espiritualistas buscavam traços na metafísica que diferenciassem o sentimento brasileiro de nacionalidade. Nesse sentido, a arte assumia uma importância metafísica e espiritual que remetia aos filósofos medievais<sup>39</sup>.

Observemos um trecho do poema-manifesto do primeiro número de Festa:

A arte é sempre a primeira que fala para anunciar o que virá. E a arte deste momento é um canto de alegria. Uma reiniciação na esperança, uma promessa de esplendor [...] O artista canta agora a realidade total: a do corpo e a do espírito, a da natureza e a do sonho, a do homem e a de Deus<sup>40</sup>.

Os integrantes do mensário buscavam estabelecer uma arte sem fronteiras, com base no espiritualismo como elemento redentor. Defendiam uma visão universalista da arte. Como vimos, não acreditavam em ruptura brusca com a tradição como os primitivistas, mas em continuidade. Nas suas leituras, a modernidade deveria dialogar com a tradição, referenciando-se na história cultural brasileira, sem prender-se entretanto ao pitoresco.

Pode-se dizer que o modernismo brasileiro aproximou-se do paradigma ocidental, pois também foi constituído por duas correntes divergentes: o modernismo de vanguarda, marcado pelas concepções de ruptura e a subversão dos valores (tal como os primitivistas), e as publicações influenciadas pela herança simbolista (neo ou pós-simbolismo)<sup>41</sup>, conforme manifestado pelo grupo espiritualista. Nos ensaios apresentados em Festa infere-se uma negação do primitivismo e do localismo e cria-se uma função espiritual e religiosa para a arte, em contraposição ao materialismo.

Na próxima parte, esboçaremos algumas das ideias defendidas por Tasso da Silveira, um dos nomes reconhecido no cenário da poesia de pensamento filosófico-religioso da época analisada.

---

38 SILVEIRA, Tasso da. A modernidade universalista da arte, 1 de agosto de 1927, p. 4-5. In: Festa, edição fac-similada. Rio de Janeiro: Inelivro, 1978.

39 NUNES, Benedito. Introdução à filosofia da arte. Op. cit., p. 9.

40 A Direção. Artigo de abertura, 1 de agosto de 1927, p. 1. In: Festa, edição fac-similada. Rio de Janeiro: Inelivro, 1978.

41 Cf., GOUVEIA, Margarida Maia. Cecília Meireles - uma poética do "eterno instante". Portugal: Imprensa nacional - Casa da Moeda, 2002, p. 19.

## Tasso da Silveira: entre a arte e o divino

Tasso Azevedo da Silveira (Curitiba, 1895 - Rio de Janeiro, 1968), filho do poeta simbolista Silveira Netto (1872-1942), colaborou em diversas revistas literárias do Rio de Janeiro e de São Paulo. Lecionou literatura portuguesa na Universidade Católica e na Faculdade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro.

Segundo Martins Gomes, escritor e professor paraense amigo próximo de Silveira, o fundador de Festa era idealista, patriota e sensível aos problemas da humanidade e do Brasil. Embora livre pensador na juventude, tornou-se depois católico fervoroso: “Da sua poesia ressumbra elevação mística e ânsia de libertação espiritual<sup>42</sup>”.

O escritor passou por dificuldades financeiras ao longo da sua vida. Possuía uma família numerosa, por isso; “ao mesmo tempo que vivia com os olhos no céu não descuidava de ganhar a vida<sup>43</sup>”. No campo político, deve-se destacar que Silveira apoiou Plínio Salgado na campanha integralista, em repressão ao comunismo.

Conquistou honrosas láureas e prêmios, sendo de maior relevo “O Prêmio Machado de Assis”, que pelo conjunto da obra lhe atribuiu a Academia Brasileira de Letras em 1956. Entretanto, o escritor não ingressou na instituição. Trilhou os caminhos da espiritualidade, por vezes, sugerindo ao leitor majestosos ambientes litúrgicos. Transitou dos referenciais parnasianos à quase abstração dos modernistas, passando pelo simbolismo, o qual lhe influenciou no início de suas experiências literárias<sup>44</sup>.

De acordo com Rucker, a definição do perfil estético de Festa fora traçada por Andrade Muricy e Tasso da Silveira, sendo o segundo o mais criativo, entretanto o mais exaltado. Muricy era mais refinado e erudito, embora menos inovador: “Isso demonstra, portanto, o êxito de um movimento a partir da junção de duas mentes ao mesmo tempo diversas e complementares: uma mais intelectualizada e cautelosa, outra mais criativa e expansiva<sup>45</sup>”.

Ao consultar o acervo pessoal de Silveira, doado à Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB-RJ), pudemos ter contato com detalhes relacionados à vida privada desse personagem. Dentre outras correspondências pessoais, nos deparamos com as inúmeras cartas trocadas entre ele e a então namorada, Noemi Albuquerque, que se tornaria esposa. A seguir, temos uma mostra dessas cartas enviadas por Tasso:

---

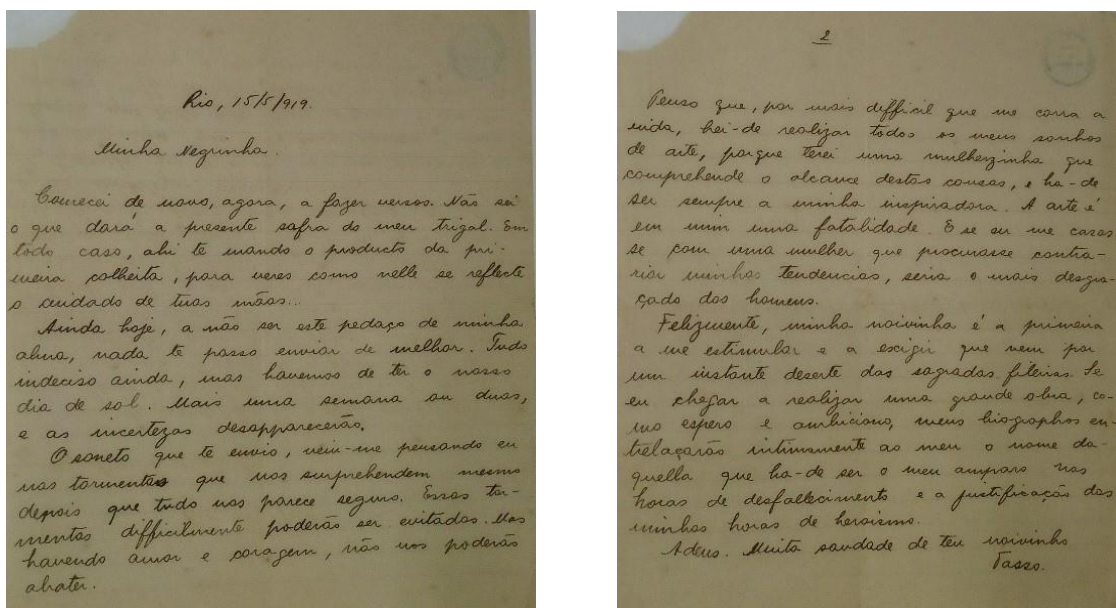
42 MARTINS GOMES, O. Tasso da Silveira e seu itinerário luminoso. Revista Letras, [S.l.], dez. 1969, p. 13. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19778>>. Acesso: 2 jul. 2017.

43 MARTINS GOMES, O. *Ibidem*, p. 9.

44 MARTINS GOMES, O. *Ibidem*, p. 15-16.

45 RUCKER, Joseane de Mello. A revista Festa e a modernidade universalista na arte - estudo de caso: Adelino Magalhães. Op. cit., p. 59.

Figura 1 - Carta à Noemi



Fonte: Acervo Tasso da Silveira - Correspondência Familiar (TSCF) - FCRB/RJ.<sup>46</sup>

O escritor é muito afetuoso nas correspondências e galanteador nos textos dedicados à amada. Os dois partilhavam acontecimentos cotidianos, projetos de vida a dois, planos de carreira, desentendimentos, sonhos e desejos, por meio de mensagens embebidas de ternura. É interessante percebermos a paixão que move o escritor em todas as áreas de sua vida.

No texto “A Nossa Literatura” do livro *A Igreja Silenciosa*, Tasso da Silveira revela o seu conceito de literatura:

A produção consciente de um povo, no terreno da arte e do pensamento escritos. Produção consciente nascida do esforço de uma vontade esclarecida, floração espontânea de uma emoção nativa [...] literatura é a própria alma do povo que a produziu, é o livro aberto de sua psicologia, trazendo em letras claras o seu destino na terra<sup>47</sup>.

46 Lê-se: Rio, 15/5/1919. Minha Negrinha. Comecei de novo, agora, a fazer versos. Não sei o que dará a presente safra do meu trigo. Em todo caso, ahi te mando o produto da primeira colheita, para veres como nelle se reflecte o cuidado das tuas mãos... Ainda hoje, a não ser este pedaco de minha alma, nada te posso enviar de melhor. Tudo indeciso ainda, mas havemos de ter o nosso dia de sol. Mais uma semana ou duas, e as incertezas desaparecerão. O soneto que te envio, vem-me pensando eu nas tormentas que nos surpreendem mesmo depois que tudo nos parece seguro. Essas tormentas difficilmente poderão ser evitadas. Mas havendo amor e coragem, não nos poderão abater. Penso que, por mais difficil que me corra a vida, hei-de realizar todos os meus sonhos de arte, porque terei uma mulherzinha que comprehende o alcance destas causas, e ha-de ser sempre a minha inspiradora. A arte é em mim uma fatalidade. E se eu me casasse com uma mulher que procurasse contrariar minhas tendencias, seria o mais desgraçado dos homens. Felizmente, minha noivinha é a primeira a me estimular e a exigir eu nem por um instante deserte das sagradas fileiras. Se eu chegar a realizar uma grande obra, como espero e ambiciono, meus biógrafos entrelaçarão intimamente ao meu nome daquella que ha-de ser o meu amparo nas horas de desfalecimento e a justificação das minhas horas de heroísmo. Adeus. Muita saudade de teu noivinho. Tasso.

47 SILVEIRA, Tasso da. *A Igreja Silenciosa*: ensaios. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1922, p. 261-262.

Ainda segundo o autor, o processo moroso da formação da literatura brasileira pode ser explicado pelas condições raciais: “Viemos do princípio, de uma fusão complexíssima de raças, cujo caldeamento, por vezes perturbado pela intervenção de novos elementos, tinha de ser necessariamente moroso [...] em termos de literatura vamos sendo nós mesmos<sup>48</sup>”.

Um outro texto emblemático do autor acerca da questão do nacionalismo é “Batuque p’ra começar”, publicado na última edição (1929) da primeira fase da revista *Festa*:

Longe, pois, os nacionalismos estreitos. Nacionalismo é critério comercial e político. Longe, também, os universalismos dissolventes. Não existe o homem universal. Mas apenas o homem de uma raça, ou de um povo. Brasilidade, sim, porém num sentido profundíssimo. Brasilidade universalista, se assim se pode dizer. A nossa realidade particular - porque foi o quinhão que Deus nos deu. E porque só através dela poderemos chegar á compreensão da realidade total do mundo<sup>49</sup>.

Na concepção de Silveira defender o nacionalismo não se trata de “tudo abraileirar” e nem de estar fechado às ideias estrangeiras. Mas, é fundamental não cultivar a imitação servil: “Porque o próprio do espírito é criar, e criar de si mesmo. O alimento que lhe vem de fora só lhe é alimento quando assimilável e assimilado<sup>50</sup>”.

Segundo o escritor, o sentimento de espiritualidade ou de totalismo surgiu como uma reação aos horrores da guerra. O arrebatamento pela renovação dominou a arte, em decorrência do choque profundo desencadeado pelo conflito bélico mundial. Diante desse cenário, buscou-se um despertar para uma nova realidade, a qual incluía o reencontro com Deus, dada a situação de degradação do homem.

No artigo “O Totalismo Criador”, o autor paranaense estabelece considerações acerca das três correntes modernistas brasileiras (Primitivistas, Espiritualistas e Dinamistas<sup>51</sup>). Quanto ao primitivismo do grupo paulista expressa as suas reservas. Para ele, o conceito fundamenta-se na ideia de que o Brasil deveria recomeçar do princípio para libertar-se da interferência que a colonização portuguesa imprimira na formação do povo, entretanto, considerava essa premissa da exaltação do primitivo incompleta e perigosa:

---

48 Idem, p. 263-264.

49 SILVEIRA, Tasso da. *Batuque p’ra começar*, janeiro de 1929, p. 2. In: *Festa*, edição fac-similada. Rio de Janeiro: Inelivro, 1978.

50 SILVEIRA, Tasso da. “Queremos ser ou o nacionalismo brasileiro”, 15 de maio de 1928, p. 6. In: *Festa*, edição fac-similada. Rio de Janeiro: Inelivro, 1978.

51 A Corrente Dinamista (ou Objetivismo Dinâmico) defendia, dentre outras questões, o espírito futurista, a valorização poética da técnica no mundo moderno, o culto da velocidade e do movimento e o progresso material. Os representantes mais expressivos dessa corrente reuniam-se no Rio de Janeiro, sendo os mesmos: Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Villa-Lobos, etc. Cf., COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Global, 1999. v.4: pt. II.

Porque [os primitivistas], pretendendo desprezar o que já fizemos, e desconhecendo a legitimidade de grande parte daquele influxo, privar-nos-ia, se viesse a prevalecer, de poderosos elementos de expansão e completação do nosso espírito<sup>52</sup>.

Uma questão fundamental para o entendimento da proposta espiritualista, da qual Silveira é um dos grandes expoentes, está na ideia de ligação entre a arte e o divino, desenvolvida pelo escritor no artigo “Alegria criadora”. Nesse ensaio o autor argumenta que a originalidade do artista deve ser de origem divina, ao considerar que Deus é o senhor de todas as formas, de todos os ritmos, de todas as cores. Sendo assim, a arte deveria unir-se a essa inspiração criadora por meio da fé:

A fé religiosa é um clarão supremo que nos ilumina infinitamente mais do que a ciência; no entanto, não nos dá nenhuma certeza na acepção científica do vocábulo: nas palavras que ali ficam há tremendo problema psicológico. Exprimem ellas, antes de tudo, que na fé mais ardente há inquietação profunda, e que o desejo humano aspira, no seu conhecimento de Deus, a serenidade da ciência<sup>53</sup>.

No caso do escritor, podemos perceber que o espiritualismo apresenta um viés ainda mais religioso. O grupo de Festa acreditava que os valores da modernidade haviam desencadeado uma dissociação entre a sensibilidade e o pensamento. Para Silveira, esse desequilíbrio poderia ser superado por meio da crença em um ser superior divino.

O autor paranaense questiona ainda o pensamento que contrapõe “dogma” a “pensamento livre”, assim como, ideia de que o primeiro reprimiria a expressão individual do segundo. Na sua visão, o dogma; identificado com a doutrina católica, constituiria a base para o livre pensar. Sendo assim, “reconhece que suas palavras sejam mesmo de íntima defesa da doutrina católica, alegadamente contra a visão de que houvesse uma ‘prisão mental dentro da Igreja’, que tolhesse a liberdade de pensamento<sup>54</sup>”.

Silveira também defendeu a supremacia da poesia frente ao pensamento científico em *Alegria Criadora*, citada anteriormente. Ao seu ver, a “verdadeira poesia é algo de mais alto e profundo”. Sendo assim, para além do conhecimento objetivo da ciência é preciso sentir as coisas intensamente<sup>55</sup>”.

---

52 SILVEIRA, Tasso da. O Totalismo Criador, 1 de março de 1928, p. 1. In: Festa, edição fac-similada. Rio de Janeiro: Inelivro, 1978.

53 SILVEIRA, Tasso da. A Alegria Criadora, fevereiro de 1928, p. 13. In: Festa, edição fac-similada. Rio de Janeiro: Inelivro, 1978.

54 VIKTOR, Tiago Alexandre. Trajetória de constituição e fundamentos do modernismo do grupo de Festa. Op. cit., p. 187.

55 SILVEIRA, Tasso da. A Alegria Criadora. Op. cit., p. 13.



No já referido artigo *O totalismo criador*, o grande teórico da corrente espiritualista estabeleceu as diretrizes que fundamentavam os termos do princípio totalista, essencial na formulação do programa modernista do grupo:

Festa é uma bandeira da arte nova. Mas a sua profunda comoção brasileira, é aquela incoercível ansiedade de uma revelação integral do Brasil, e, por isto, não grandes ondas de maré montante sobre as praias ignoradas de nosso interior [...] O que sobretudo nos importa é afirmar a nossa alma diferente (porque em toda obra de Deus a diferença é que afirma a realidade), embora para em seguida constatarmos o fundo comum de infinita similitude que faz de cada povo um irmão de todos os povos, como de cada homem um irmão de todos os homens<sup>56</sup>.

Buscamos apresentar, de maneira breve, algumas das formulações desenvolvidas por Tasso da Silveira enquanto importante articulador e teórico do Grupo de Festa. O escritor foi um grande propulsor do movimento espiritualista, o qual buscou postular as diretrizes do mensário como um veículo empenhado em apresentar uma visão do total da vida cultural brasileira, por meio da junção do espiritualismo e aspectos do materialismo da realidade nacional.

### **Considerações finais**

Ao longo da pesquisa desenvolvida, nos propusemos a investigar e dialogar com os referenciais teóricos que fundamentaram as ideias dos escritores de Festa, com o intuito de compreender melhor os princípios do seu programa modernista. Uma das questões importantes, ao nosso ver, constituiu-se em recuperar os princípios desse espiritualismo e a sua filiação a outros escritores ancorados no catolicismo.

A maioria do grupo, com exceção da poetisa Cecília Meireles, identificava-se com a filosofia da Igreja Católica. As obras e o convívio do grupo com o ensaísta e jornalista sergipano Jackson de Figueiredo (1891-1928) constituiu-se como fonte de referência na proximidade com o catolicismo. Nesse aspecto, produziu-se um conjunto de interpretações e poesia referenciados em valores espirituais, cujas raízes vinculavam-se ao passado colonial.

No início do movimento modernista este grupo não se destacou diante dos posicionamentos mais radicais e fortes das outras correntes do período. Entretanto, acabou por angariar maior aceitação do público nos anos seguintes<sup>57</sup>. A edição da *Revista Festa: mensário de pensamento e arte* (primeira fase: 1927-1928) e *mensário de arte e pensamento* (segunda fase: 1934-1935), configurou-se como o espaço privilegiado

---

56 SILVEIRA, Tasso da. *O Totalismo Criador*. Op. cit., p. 2.

57 Cf. ARAÚJO, Cláudia Beatriz Carneiro. *Festa e o Modernismo*. *Revista LING. Est. e Pesq.*, Catalão-GO, vol. 15, n. 1, p. 97-109, 2011.

de divulgação das ideias da corrente espiritualista.

Segundo Gomes, o grupo era heterogêneo, composto por alguns escritores reconhecidos e outros menos, destacando-se como principais temas discutidos na revista: espiritualismo/catolicismo, modernismo, música, nacionalismo, universalismo/totalismo, linguagem e ritmo, Rio de Janeiro/São Paulo, Comunismo, Simbolismo e Liberalismo<sup>58</sup>.

Nesse cenário de intensos debates em torno da literatura, das artes, o qual incorporava a ideia de reinvenção da História Brasileira, rejeitando-se as teorias colonizadoras e as explicações deterministas, o grupo espiritualista firmou-se no meio literário carioca pela poesia imbuída de elementos espirituais ancorados nos valores do catolicismo. Assumiram, portanto, aos olhos de alguns segmentos da historiografia brasileira uma postura reacionária, combatendo o excesso de localismo, nativismo, coloquialismo, ao estilo do poema-piada que os revolucionários paulistas praticavam<sup>59</sup>.

Formularam-se distintas perspectivas de análise na literatura acadêmica acerca do grupo de Festa. Algumas que perceberam o seu modernismo como fruto das características próprias ao espaço de sociabilidade intelectual em que o movimento emergiu, isto é, o circuito simbolista espiritualista existente na cidade do Rio de Janeiro do período (GOMES, 1999). Outras compreenderam o seu programa estético-literário como de cariz católico e antimodernista (BOSI, 1987; MICELI, 1979).

Como base na nossa investigação, tendemos a concordar com a análise de Viktor<sup>60</sup>, no que se refere ao ideário que fundamentou o programa modernista de Festa. O mesmo poderia ser interpretado como um projeto de modernização conservador do país, nas diferentes áreas, considerando a urgente necessidade de transformações estruturais que possibilitassem a superação do “problema nacional brasileiro”, a serem conduzidas dentro da “ordem”. Defendiam, portanto, a proposta de um modernismo continuador e em diálogo com a tradição, contrário à ideia de ruptura.

Recebido em 04 de fevereiro de 2019.

Aprovado em 31 de maio de 2019.

---

58 GOMES, Ângela de Castro. Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: O caso de Festa. Op. cit., p. 97.

59 CONTE, Wilmar. A Túnica Inconsútil de Jorge de Lima: modernismo, modernidade e poesia espiritualista. Dissertação (Mestrado em Letras), Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2002, p. 51-52.

60 VIKTOR, Tiago Alexandre. Trajetória de constituição e fundamentos do modernismo do grupo de Festa. Op. cit., p. 198.